



EDITORIAL

Caríssimos leitores, com alegria trazemos o segundo número do 6º volume da *Alteridade*, Revista Discente do Curso de Ciências Sociais, vinculada ao Departamento de Política e Ciências Sociais da Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES). Um trabalho construído a muitas mãos, em colaboração e parceria, que permite aos envolvidos — professoras/es e acadêmicas/os — o contato e a experiência prática com o universo da produção científica.

É grande nossa satisfação de entregar mais esse volume, pois demonstra como a Revista vem construindo e consolidando seu caminho de produção, com o compromisso de ser esse espaço para publicizar os trabalhos dos estudantes, motivando-os à produção, em parceria com os professores e professoras da universidade. Por isso, nossos sinceros agradecimentos a todos e todas que colaboraram nesta edição, com temáticas importantes para as Ciências Sociais e Humanidades.

São nove (09) trabalhos que exprimem o cuidado e a atenção com que cada autor/a desenvolve e apresenta a discussão, revelando o compromisso em contribuir para o desenvolvimento social, para a superação dos preconceitos e, sobretudo, para a responsabilidade e construção de novos olhares.

O trabalho “A indústria cultural e o uso da estética como encantamento”, de autoria de Paulo Sérgio D. B. Cardoso, Noemi Aguiar Mendes e Antônio Dimas Cardoso, aborda a formulação teórica do “desencantamento do mundo” e trata do domínio do capitalismo impactando a perda da magia e do mundo místico.



Em “Globalização perversa: caso da Guiné-Bissau”, de José Sanhá, temos uma análise acerca da instrumentalização da globalização enquanto mecanismo de perpetuação de domínio político, econômico e sociocultural sobre o Estado-nação bissau-guineense e de como tal mecanismo cria entraves ao progresso, além das implicações em toda a vida social e pública. O autor argumenta que, embora cooperações internacionais sejam importantes, elas devem se basear em relações entre pares/parceiros, a fim de promover interesses comuns e revertidos em benefícios para o povo, e não em relações de subalternização que induzem os países a uma recolonização.

O trabalho “Revisitando perspectivas afrocentradas na atualidade: uma análise inspirada em Molefi Asante” é fruto do grupo de pesquisa “Sakhu Sheti” na UNILAB, coordenado pela Professora Doutora Fátima Maria Araújo Bertini, onde o aluno e autor deste trabalho, Marinho Nhanri, de um país africano, teve contato com o termo “afrocentricidade”, proposto por Molefi Asante, além do contato com outros autores que estudam as sociedades africanas, “buscando uma compreensão mais aplicável na sociedade africana atual” da história e da cultura do seu povo, bem como autonomia para a produção de novas epistemologias, com base em sua realidade cultural e social.

Ao analisar o filme *As Boas Maneiras*, o trabalho de Jo Pedro Klinkerfus e Natália Muhleberg, a partir de teorias e leituras feministas, revela como o racismo persiste, materializado nas personagens e narrativas que são produzidas no cinema brasileiro, no trabalho “Maternidade sobrenatural: imagens de controle de mulheres negras brasileiras no filme ‘As Boas Maneiras’”.

Em “Vitimização por crime e apoio à democracia na América Latina”, Anna Clara Gomes Martins Souza se embasa em dados quantitativos para compreender como o fato de, uma vez vítima de um crime como “roubo, agressão física, assalto, sequestro relâmpago, fraude, chantagem, extorsão, ameaças violentas ou qualquer outro tipo de crime, impacta diretamente o grau de adesão ao regime político” e de como “problemas de violência e criminalidade impactam negativamente o apoio à democracia”.

O ensaio intitulado “Aproximações entre Antropologia Visual e Políticas Públicas: análise das memórias de atingidos por barragem em agrovilas”, de Givanilton de Araújo Barbosa, se apoia em imagens fotográficas para analisar as memórias ribeirinhas que demonstram possíveis ações sociais que subsidiam políticas públicas compensatórias que

“implicam em novas construções identitárias, culturais e políticas”, que garantam o acesso a suas memórias.

O ensaio “(Ciber)ensaio: por uma antropologia urbana e da tecnologia”, de autoria de Alice Pereira dos Santos, segue uma outra linha da Antropologia e propõe a discussão do conceito do ciberespaço, que não mais se limita à literatura ou ficção científica, mas está presente na sociedade e tem impacto sobre ela. O estudo objetiva pensar as categorias cidade, cidadãos e a tecnologia, “pois, na contemporaneidade, cada vez mais encontramos a necessidade do uso de apetrechos tecnológicos que facilitem nossa vida e produção, sendo a vida urbana uma produção, antes de qualquer outra coisa, social”. Faz, portanto, uma discussão a partir da Antropologia da Tecnologia e Antropologia Urbana para compreender o deslocamento humano e sua vida prática, que estão permeados pela virtualidade.

Em “Uma análise da resposta judiciária no cenário brasileiro na pandemia da COVID-19”, o autor João Pedro Lacerda de Souza e a autora Lara Brandão Pereira Fernandes destacam o trabalho da suprema corte brasileira na “regulamentação e resolução de algumas questões relacionadas à crise de saúde pública”, avaliando algumas das principais decisões e como seus efeitos sobre a sociedade e os demais poderes, à época, no contexto de pandemia, fizeram-se necessários para garantir o direito dos cidadãos brasileiros.

Por fim, o trabalho “Diabetes Mellitus Tipo 1: diagnóstico, práticas de cuidado e o impacto das desigualdades sociais no acesso ao tratamento da doença”, de Francielen Maranes e Viviane Bernadeth Gandra Brandão, traz uma investigação sobre “os motivos que têm colaborado para o aumento do Diabetes Mellitus tipo 1 em infantojuvenis”, uma doença que afeta milhões de pessoas e que, por meio de conscientização e educação, pode ser combatida. Para isso, é preciso investimento, aprimoramento e fortalecimento em políticas públicas e sociais.

Todas as temáticas, com abordagens distintas, ilustram o caráter multidisciplinar de nossa revista, o que possibilita reflexões e contribuições sobre diferentes aspectos da vida e do cotidiano da sociedade e dos indivíduos, tão necessários para a redução das desigualdades, da violência e da discriminação, bem como para a compreensão desse mundo novo que está por vir, digital e real, onde o desenvolvimento, com a contribuição da ciência e tecnologia, se traduza em qualidade de vida, garantia de direitos e respeito para todos e todas.

Boa leitura!

É com imensa gratidão que registramos a valiosa contribuição do Prof. Diego Tabosa com nossa revista desde a reestruturação em 2022. Ele, que em 2025 continuará sua caminhada profissional em outra instituição, deixará na Unimontes, entre alunos, professores, servidores e colegas o seu legado e o registro de sua brilhante e dedicada atuação em tudo que se propôs a fazer. Nesta singela, mas significativa homenagem, dedicamos a ele este volume, como reconhecimento pelas suas contribuições com a construção da ciência em nossa Universidade. Desejamos sucesso em sua nova jornada!